O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 44.º — N.º 2068

Sábado, 30 de Outubro de 1948

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Valorização do trabalho

A obra do ressurgimento português, quer sob o ponto de vista material, quer moral, operou, digamos, uma tão milagrosa transformação, dada as circunstancias e dificuldades e brevidade em que se efectuou, que se impõe ao apreço e à gratidão de todos, embora haja as fatais deficiências e imperfeições a corrigir, que o despeito dos vencidos e desmascarados teem pretendido avolumar. Ela responde por si própria sem necessidade da defesa e justificação usadas nos velhos processos políticos, nem das acusações que as provocavam e só desautorizavam e desacreditavam o poder e a Nação.

Justo é, porém, que se registem certos factos reveladores das radicais e benéficas modificações, que teem contribuído para erguer o nível mental e humano, através de um conceito e norma social que melhor se conjuga com o espírito de justiça e com a marcha acelerada de progresso, a que vamos assistindo.

O trabalho reconhecido inteligentemente como fonte de riqueza, deu ao trabalhador aquela posição justa, em que, sem perder a dignidade humana e antes elevando-a, possue os direitos e garantias, com os correspondentes deveres e obrigações, estabelecidos no Estatuto Nacional do Trabalho. O trabalhador na era do liberalismo individualista vivia isolado, entregue às circunstancias de ocasião, sòmente a si próprio, e tendo que submeter-se, portanto, às tendencias absorventes dum capitalismo sem limites ou obrigações a restringi-las; anulava-se a pessoa do trabalhador, consedendo-se-lhe a ilusão da independência e da liberdade e perdia-se o valor, o mérito e aproveitamento do trabalho, como elemento essencial da riqueza da Nação.

No Estado Corporativo, que, respeitando a dignidade e os direitos individuais, submete ao bem comum ou interesse colectivo a coordenação de todas as actividades, o trabalho tomou aquele lugar que lhe compete por quanto representa na vida nacional, na economia do País e na sua acção progressiva. Com a dignificação do trabalho, se dignificou a pessoa do trabalhador.

Impunha-se como uma necessidade regular e organisar o trabalho, exercendo-se uma acção coordenadora das forças vitais da Nação, conjugando interesses e direitos, de modo a servir o desenvolvimento económico e o progresso, no sentido do bem e do interesse comuns. O Estatuto Nacional do Trabalho logo no seu artigo 2.º esclarece a orientação adoptada e a sua alta finalidade: *a propriedade, o capital e o trabalho desempenham uma função social em regime de cooperação económica e de solidariedade.*

Reconhece, pois, direito de propriedade, a necessidade do capital e o valor do trabalho. Assim, anima e até protege as iniciativas do capital, valorizando e defendendo a acção do trabalho; as duas forças caminhando unidas e harmónicas, pois necessitam uma da outra e completam-se, efectuam aquela acção, que a existência e o progresso da Nação legitimamente lhes solicitam.

O Estado Corporativo vem estabelecer aqueles fundamentos indispensaveis para, sôbre uma forma equitativa, de cooperação económica e solidariedade nacional, conseguir o melhor aproveitamento e o melhor resultado do capital e do trabalho no interesse colectivo, dando o devido valor ao trabalho e terminando com a anterior situação indefenida e incerta, que a êste não oferecia garantias, nem reconhecia a verdadeira importância.

Deve o trabalhador à orgânica corporativa a situação que hoje possue e que o libertou da exploração do interesse pessoal predominante na decadência do individualismo liberal.

C. S.

E' demais

A local publicada com este título a semana passada trouxe-nos a certeza de com ela estar de acordo toda a cidade e por isso ousamos reforçá-la de maneira às autoridades não se esquecerem de a tomar na devida consideração.

Custa tão pouco...

Nem de propósito...

O *Arquivo do Distrito de Aveiro* relata nas suas páginas do n.º 54 um incidente com a Câmara em 1863 àcerca da procissão de Corpus Christi que nos leva a concluir serem, os teimosos, de todos os tempos e de todas as épocas, pelo que ninguém se deve admirar de não haver argumentos para levar certa gente a dar a mão à palmatória quando erra ou faz asneira.

O que nós gostaríamos de saber é em que consistiu a reacção dos aveirenses.

Concerteza não ficaram a dever nada aos que um dia—mais tarde,—demonstraram ao mui alto sr. Bispo Conde de Coimbra, como lhe chamava o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto em *O Oportunista*, quando, debaixo do pálio acompanhava a procissão de Santa Joana, que não eram nhenhuns carneiros...

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro

TEMOS PAPEL!

—o—

Após um telefonema da Intendência Geral dos Abastecimentos, vindo até nós ao princípio da noite de terça-feira, trouxe-nos, no dia seguinte, o correio uma guia do caminho de ferro para levantamento do papel encomendado há um rôr de meses e pelo qual vínhamos ansiosamente esperando.

Graças!

Exposição de Obras Públicas

—o—

Acabam de ser dirigidos convites à imprensa de todo o país para visitar, também, o grandioso certame, que, fechando amanhã, abrirá excepcionalmente no dia 7 de Novembro com o fim de a receber.

A C. P., por sua vez, fornecerá um passe para a viagem de ida e volta, devendo, assim, juntar-se em Lisboa elevado número dos nossos confrades espalhados pela terra lusitana.

Faz-nos lembrar—e com que saudade!—o Congresso de que saíu o Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional.

A pequena Imprensa e a sua crise

—o—

Parece que se vai espalhando por toda a imprensa da província a necessidade ingente de se agrupar para constituir um organismo que vele pelos seus interesses. E nós que também nos temos dedicado a essa obra indispensável, é com satisfação que ouvimos o nosso éco a seu reflectido através as páginas dos nossos colegas.

A constituição de um organismo representativo dos pequenos jornais é uma necessidade que se impõe dentro da razão e da justiça, pois só por si qualquer jornal pouco poderá fazer em proveito da causa em que todos se debatem—a crise que os avassala.

Os altos serviços prestados pela imprensa da província ao país patenteiam-se. Haja, pois, quem tome a iniciativa de a agrupar que os resultados ver-se-ão sem perda de tempo.

Temos a certeza.

ANTÓNIO CORREIA

Cantanhede-Aveiro

Vai iniciar-se brevemente uma nova carreira de camionetes entre Camarmeira (Cantanhede) e esta cidade, fazendo o trajecto pela estrada da Palhaça, cuja população muito beneficia com isso, assim como Salgueiro, Quintans, Quinta do Picado e Aradas, do nosso concelho.

PORTUGAL—CAMPEÃO PENINSULAR DE REMO

Os representantes de uma raça, que honra Aveiro. Depois da brilhante actuação nos Jogos Olímpicos, de Londres, os nossos remadores voltaram a evidenciar-se no V Campeonato Peninsular de Remo, realizado em Barcelona. Em *shell* de 4 bateu o Club dos Galitos, por quatro cumprimentos, a equipa de San Sebastian, campeão do país vizinho; e em *shell* de 8 venceu, também com nitidez, a equipa de Aveiro a de Espanha, constituida por uma selecção de Barcelona. Eis o grupo triunfador: da esquerda para a direita, em baixo: Luiz Naia Machado e João Alberto Lemos; no 2.º plano: António Pinheiro (chefe da equipa), Carlos do Roque, Albino Neto, Manuel Matos, (sup.) e João de Sousa; no 3.º: Ricardo da Benta, Carlos da Benta, José Naia Machado e Felisberto Gonçalves (Voga)

GRAVÍSSIMO DESASTRE DE VIAÇÃO

ONZE CRIANÇAS COLHIDAS POR UMA CAMIONETE DE CARGA

Foi no Bonsucesso, freguesia de Aradas, subúrbio da cidade, perto das 16 horas de domingo.

Dia de descanso. A gente da aldeia costuma, do lado da tarde—que de manhã tem sempre, ainda, afazeres—vir até às portas e olhar para a criançada, que brinca na rua.

Próximo do Cruzeiro fica a habitação do sr. Manuel Fernandes António com uma escadaria de pedra que lhe dá acesso. Vinda de Verdemilho e em direcção à Quinta do Picado, sobe a rampa, com bastante velocidade, uma camionete vasia, guiada por Carlos Duarte Ferreira, de 24 anos e deste lugar natural. Pelo meio da estrada seguia uma mulher de quem teve de se afastar para evitar atropela-la. O carro, porém, embateu contra um muro, derrapou e precipitou-se sobre as escadas onde um rancho de crianças despreocupadamente se entretinha ao sol, brincando.

Aos gritos lancinantes do bando de inocentes acudiu a vizinhança, esta pôz a povoação em alvoroço e os mais animosos trataram de acudir aos feridos, acarinhando-os e transportando-os para o Hospital desta cidade em alguns carros particulares que apareceram a oferecer as seus préstimos. E assim nele deram entrada uns após outros os seguintes: José de Carmo Nogueira, de 10 anos, filho do Albino Fernandes Nogueira, com graves lesões internas e sua irmã Maria de Fátima, de 9 meses, que apresentava vários escoriações; Maria Odete Lavado de Castro, de 8 anos, filha de Duarte Teixeira de Castro, contusa; Armando Simões e Adérito Maria Regina, de 6 anos, com fraturas nas pernas; Abel Vieira Santos Ribeiro, de 10 anos, filho de António Ribeiro e sua irmã Alzira, de 6 anos, com diversas escoriações; uma prima, Conceição Cardoso Vieira dos Santos, tambem de 6 anos, filha de Izidro Cardoso Nogueira, de Nespereira, Sinfães, acidentalmente na companhia dos tios; Maria Selene Pereira Dias, de 7 anos, filha de Manuel António Pereira Rodrigues; Maria Pereira dos Santos, de 12 anos, filha de Glória Pereira dos Santos; Laura Vidal Estrela, de 6 anos, filha de Manuel Estrela e Laura Pereira.

Os socorros no Hospital foram prestados pelos srs. drs. Alberto Soares Machado, director clínico, Adérito Madeira e Armando Simões, tendo três das crianças recolhido à casa das respectivas famílias por não serem de gravidade os ferimentos.

O condutor da camionete tambem sofreu alguns ferimentos e terá de prestar contas do delito às autoridades que se apressaram a tomar conhecimento do caso, como lhes competia.

O que aqui fica descrito sumariamente, em poucas linhas, é para lamentar e oferece-nos ensejo para mais uma vez chamarmos a atenção daqueles policias a quem compete reprimir todos os abusos que constantemente se cometem e são a verdadeira causa destas e doutras desgraças.

As estradas andam cheias de motoristas incompetentes contra os quais é preciso agir sem contemplações. Este caso do atropelamento das crianças do Bonsucesso dilacerou, sobressaltando-os, muitos corações. Haja prudência! Castiguem-se, para exemplo, os deliquentes e apertem-se os treios sos que atravessem em correria doida as povoações, onde há vidas a respeitar, sempre que apareçam a dar provas de bons volantes...

O PORTO DE AVEIRO

A *Soberania do Povo*, de Agueda, publica no último número um artigo do seu director acompanhado duma carta do sr. Silva Rocha, que são elucidativos documentos—elucidativos e valiosos documentos—sobre a construção do porto de Aveiro, que alguns *pavões* quizeram chamar a si, quando a verdade nua e crua é aquela que agora vem relatada e da qual algumas vezes nos fizemos éco ao combater a jactância de certos personagens para se darem ares de importância. A verdade, porém, anda sempre como o azeite, ao de cima da água, e aqui está a explicação de certos pormenores pela *Soberania do Povo*, corroborados pelo sr. Silva Rocha, e que nos levam a fazer justiça a quem é merecedor de não ser esquecido pela parte activa que tomou nas grandes obras da barra.

Artigo

Por ter chegado tarde à Redacção o quarto da série sobre o sal, do nosso apreciado colaborador dr. Alberto Souto, só no próximo número o inseriremos.

Que nos desculpe, bem como os leitores deste jornal.

O TEMPO

Eureka! Chegou a chuva depois duma prolongadíssima estiagem. Sempre veio.

Estava a ser tão precisa!

Para os nabais, principalmente, foi maná que caiu do Céu.

Se as terras não podem dispensá-la, passar sem ela, como nós sem o sangue, que é a vida!

Franz Lehar

Com 78 anos faleceu no princípio da semana em Viena d'Austria, este celebre compositor musical, que nos legou as conhecidas valsas da *Viúva Alegre* e do *Conde de Luxemburgo*, operetas representadas e aplaudidas em todo o mundo. De Lehar são ainda uma imensidade de partituras de bom gosto, como de *O País dos Sorrisos*, mas sem nenhuma atingir a popularidade da *Viuva Alegre*.

Em Portugal foram algumas das operetas de Lehar representadas pelas companhias de Afonso Taveira e Armando de Vasconcelos, sempre com grande exito.

Hoje, a Amália Rodrigues é tudo...

As ratoeiras

Tem alguma gente estranhado que não nos voltassemos a referir a elas. Que querem?

Quando em toda a parte os passeios são para livrarem os piões de serem atropelados, aqui o perigo subsiste, como temos demonstrado, sem haver quem tome providências.

O mundo está cheio de defeitos. E' incontestável. Mas também há modos de vêr. Aqueles podem, todavia, emendar-se. Estes é que é mais difícil quando filhos de teimosos—não teem nenhum remédio.

Nem nas Caldas...

COMPANHIA DE SEGUROS AÇOREANA

Aveiro, 26 de Outubro de 1948.

Ex.mo Senhor Director do jornal *O Democrata*

AVEIRO

Foi com bastante surpresa que li, no último número do seu conceitado jornal, a noticia nele inserta a propósito da liquidação feita pela *Companhia de Seguros "AÇOREANA"* de que nesta cidade sou agente, à ex-segurada Rosa Vieira Lopes Martins, viúva do policia Martins, por virtude do incêndio que teve na noite de 28 de Setembro último na sua habitação e estabelecimento comercial.

Estranho, pois, e lamento bastante que esta ex-segurada se mostre (talvez para mais fàcilmente poder explorar a caridade alheia, a que tem recorrido) tão ingrata para com a *Companhia "Açoreana"* que tão rápida e honestamente liquidou os prejuizos cobertos, da sua responsabilidade, como fàcilmente se conclui por declaração assinada, 11 dias após o incêndio, pela própria ex-segurada, declaração que para conhecimento do público se transcreve e é do teor seguinte:

DECLARAÇÃO

A abaixo assinada, Rosa Vieira Lopes Martins, residente à rua de S. Sebastião, n.os 76 e 77, da cidade de Aveiro, declara para todos os efeitos legais que a Companhia de Seguros "Açoreana" *lhe pagou, integralmente e sem discussão, todos os prejuizos causados pelo incêndio que, na noite de 28 de Setembro último, se declarou na sua casa de habitação e estabelecimento comercial.*

Com autorização de publicidade, a declarante e ex-segurada.

Aveiro, 9 de Outubro de 1948

ROSA VIEIRA LOPES MARTINS
(*Assinatura reconhecida*)

Eis, pois, Senhor Director, como V. Ex.a foi ludibriado na sua boa fé, acreditando nas palavras daquela ex-segurada, que são falsas, por não corresponderem à expressão da verdade.

Agradecendo a V. Ex.a a publicação desta como resposta àquela insinuação, creia-me

DE V. Ex.a

Muito Atenciosamente
JOÃO CAMPOS

Gréves

Alastradas pela França a concorrerem para a sua maior ruína depois da guerra, a todos os sectores já chegaram sem excluir os coveiros dos cemitérios, que também aderiram e quizeram dar, assim, o seu quinhão de solidariedade aos desvairados que as fomentam.

Não nos admira nada porque estão no seu papel: sepultar gente e abrir uma cova à Pátria, tudo é enterrar.

Documentários

Acabamos de receber um avultado número de ilustrações e referências que dizem respeito aos últimos 15 anos de actividade do Govêrno pelo Ministério das Obras Públicas (1932-1947) e que para quem quizer avaliar o progresso do país nesse relativamente curto espaço de tempo e em que se gasta o dinheiro arrecadado das contribuições, dos impostos, de tudo, enfim, a que somos obrigados, não é preciso mais.

Bem sabemos que noutros tempos, naqueles tempos áureos das promessas sem realizações, a coisa era outra...

Compare-se. Veja-se. Se é que os órgãos visuais servem para dar relêvo às imagens, aproximando-as dos sentidos...

Interessantíssimo

—o—

Conta o nosso colega *Defesa de Espinho* que, de ano para ano, tem reparado que nas esplanadas dos principais cafés se disputam as cadeiras e os melhores lugares, às vezes em atitudes pouco corretas, havendo até pessoas que se vão sentar a uma mesa com demasiada antecedência na intenção de os reservarem inclusivamente para a família, muitas vezes bastante numerosa... E, a propósito, conta que há dias num dos cafés mais modernos, determinados individuos chegaram a vias de facto por motivo da disputa duma cadeira, o que deu origem a este feliz e espirituoso comentário.

—Antigamente havia cavalheiros que se batiam mas era pela sua dama; hoje, como os tempos mudaram, batem-se por uma simples cadeira do café...

E digam lá agora que o sr. Paulo Freire não tem razão nas suas observações...

Efemerides

Passam hoje dois aniversários, que recordamos: em 30 de Outubro de 1909 publicou êste jornal um artigo, que fez eco em todo o país, foi reproduzido em muitos colegas da provincia e obrigou à tiragem de quatro edições para satisfazer os pedidos chegados de toda a parte, elevando-se a um total de 32.000 exemplares; e hoje faz também, 17 anos que no tribunal da comarca comparecemos e fomos julgados por suposto abuso de liberdade de imprensa, havendo-se prolongado a discussão da causa durante bastantes audiências.

Falta de luz

Rua Nova do Canal ou Estrada Nova é a artéria que vai da Passagem de nível de Esgueira ao Canal de S. Roque. E' extensa, tem bastantes moradores, mas de noite está envolta em trevas pois nem sequer as poucas lâmpadas que ali existem dão luz.

Pedem, pois, providências, tanto mais que não é policiada e o Inverno está à porta.

Excursão Nacional

Foi a que se realizou no domingo a Lisboa, tendo tomado parte nela 200 auto-carros de todo o país, conduzindo cerca de 7.000 pessoas que visitaram a Exposição das Obras Publicas, interessante certame assaz elogiado. Promoveu-a o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis,cujo presidente, depois dos cumprimentos protocolares, leu uma mensagem de saudação ao Goverdo, na qual salientou o benefício das estradas, através das quais é possível viajar-se de auto-carro com comodidade e segurança, dizendo ter chegado o momento de se proclamar o agradecimento por tão grande benefício.

Após nutridos aplausos, o sr. coronel Gomes Araújo pronunciou um pequeno discurso, pondo em relevo a importancia social e económica das comunicações rodoviárias que, além de facilitarem o transporte dos géneros mais essenciais à vida, ligam também as populações.

Terminou por agradecer aos organizadores da excursão a sua iniciativa pelo exito alcançado.

Atenção para a 4.a página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as meninas Maria Luisa Soares Ferreira e Conceição Génio de Lima, filhas, respectivamente, dos srs. António da Costa Ferreira, sócio da fábrica da lixa Lusostela, e tenente Barata de Lima, comandante da Secção da Guarda Fiscal, e Rosa Angela Simões Marques, sobrinha do sr. Manuel Pereira da Bela, capitão da marinha mercante; a sr.a D. Maria Eduarda da Cunha Pereira, esposa do sr. Anselmo Lopes; o nosso amigo Alfredo Esteves, director do Banco Regional; José Simões de Sousa, filho do sr. Rubens Simões da Silva, residente em Lisboa; amanhã, as sr.as D. Maria Emilia Laranjeira Marques e sua filha D. Natália Laranjeira Marques, os srs. Severim Duarte, comerciante local, e o filho Arlindo Rosário, do sr. Narsélio F. de Sousa, actualmente emCaminha; no dia 1 de Novembro, os srs. Acácio Aurélio Amado e Albano Duarte Silva, regente agrícola em Coimbra; em 2, a interessante Maria Luisa Fernandes Pereira, filha do falecido comerciante Joaquim Pereira, e a sr.a D. Ana Tavares de Sousa; em 3, a menina Lénia Lopes Moreira Seabra, filha do sr. Henrique Moreira, das Caves do Barrocão, e em 4, o sr. Nóbrega e Sousa, residente em Lisboa.

Gente nova

Em Lisboa deu à luz um menino a sr.a D. Isilda Waldemon Flamengo, que há pouco chegou de Bissau (Guiné) onde ficou seu marido o nosso conterrâneo António José Flamengo.

Que a felicidade o bafeje.

Partidas e Chegadas

Após três semanas de permanência em Aveiro, seguiu para a capital, onde reside com sua estremosa familia, a sr.a D. Lucinda Bettencourt de Azevedo e Castro, esposa do nosso velho amigo dr. Joaquim de Azevedo e Castro, juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Doentes

Encontra-se em via de restabelecimento o comerciante sr. Firmino Alves Videira.

—Veio do Hospital de Santa Maria, do Porto, o sr. Manuel Vicente Ferreira, empregado na Agência do Banco de Portugal.

Desejamos lhes completo restabelecimento.

IMPRENSA

A Nação

Este semanário lisbonense da actualidade política e literária deixou de ser dirigido pelo seu proprietário, sr. José O' Neille, que assim o declara no último número. Não diz, porém, as causas, mas avaliamo-las em presença dos artigos que encerra.

Banquete

São hoje homenageados, durante um banquete, que principiará às 20 horas, os valorosos remadores do Club dos Galitos, que tanto tem honrado a nossa terra e o país, sendo dignos, portanto, de justa consagração.

A' festa dos campeões se associa *O Democrata*, convidado pela Secção Náutica para nela tomar parte e que estamos certos deve decorrer num ambiente de alegria e de satisfação.

Mendicidade

—o—

Devido aos esforços do seu atual presidente do Município, acabou, mas foi em Ilhavo, tendo principiado pela praia da Costa Nova, que também pertence ao concelho, como verificámos durante as visitas que lhe fizemos. O sr. Francisco Abreu deu, assim, uma lição digna dos mais rasgados encomios, que não lhe regateamos.

Em Aveiro é o que se vê: criou-se o Albergue, mas a mendicidade subsiste, continua. Cada vez há mais miséria, cada vez são mais os andrajosos pela rua a estender a mão à caridade.

Está extinta a mendicidade em Ilhavo!—exultam os naturais do visinho concelho.

Quando chegará a vez a Aveiro?

Avenida Dr. Lourenço Peixinho

—o—

Esta grande e magnífica artéria que tanto honra a nossa Aveiro e foi deliniada por aquele presidente da Câmara que a fez construir e lhe dá o nome, lá está a sofrer o corte do arvoredo que lhe dava a sombra de tanta utilidade nos dias cálidos do Verão e tão apreciada era pelos de casa e de fora, que nos visitavam. Em substituição, porém, vão aparecer alguns candeeiros que são mudados dos seus primitivos lugares e nenhuma vantagem devem oferecer com a deslocação, como um dia se verá e o tempo se há-de encarregar de demonstrar.

Benemerência

—o—

Com o pagamento da sua assinatura, recebemos do nosso conterrâneo Raul Regala M. Barreto, chefe de Finanças no Porto, 5$00 para os pobres.

Agradecemos.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Uma nota cheia de razão

Entre as *Várias Notas* do sr. Paulo Freire, encontramos há pouco esta, que pomos deante dos olhos dos nossos leitores para devidamente a apreciarem:

Não sei por que estranha obsessão tenho pensado muito este ano na diferença extraordinàriamente grande que existe entre este quase início da segunda metade do século XX, e a segunda metade do século XIX em que eu nasci. O Mundo transformou-se. Misturaram-se, confundiram-se os sexos, nos seus gostos, nas suas indumentárias. Para melhor? Para pior? Não discuto. Diferentes.

* * *

Os homens e as mulheres modificaram-se. Os homens ganharam em brutalidade o que perderam em cavalheirismo. E é estranho isto porque o desporto masculino do século XIX era incontestàvelmente mais brutal do que o desporto do século XX. Jogar o pau ou pegar um toiro, não é o mesmo que jogar o ténis ou guiar um automóvel. E no entanto, o homem do século XIX, diante de uma mulher, metamorfoseava-se em gentil-homem fosse qual fosse a sua educação ou estirpe. A mulher era a deusa dos seus sonhos, e o sonho dos seus devaneios. Porque o homem não tinha então as facilidades do século XX, as mulheres não se tomavam de assalto, conquistavam-se, à força de galanteios, de persistência, de entusiasmo. Talvez isso fosse mais *hipócrita*, mas era muitíssimo mais interessante.

Os adjectivos: *deusa, flor, querubim, botão de rosa, princesa, rainha*, estavam na ordem do dia e nenhum homem, nascido no início da 2.ª metade do século *XIX*, seria capaz mesmo *inter amicos*, de as apelidar de *pécora, lasca, naco, gaja* e outros qualificativos inerentes a este prático ambiente do século XX.

* * *

Por sua vez, a mulher, então ainda sexo fraco, tinha a fortaleza quase inexpugnável do seu isolamento. Não se havia ainda «masculinizado». Não usava calças, nem se desnudava mais do que o preciso para despertar ao homem aquele sentimento do desejo de conquista de uma praça forte que está para além das muralhas inacessíveis. Havia nelas aquela feminilidade que as endeusava, lhes dava o perfume do pecado, mas nunca a exposição nua e crua do pecado integral.

Esta mudança foi para melhor? Foi para pior? Não sei. Bota de elástico, fiel ao século XIX, só sei que é diferente.

* * *

Claro que no século XIX tambem havia a mulher desportiva, mas sempre mulher.

Montava à amazona, e nem todos os desportos lhe serviam. Mulher de salão, 100 % romântica, preferia o galanteio ao tu-cá-tu-lá dos tempos modernos. Porque a verdade é que há qualquer coisa de *masculino* nas suas atitudes de hoje, qualquer coisa que a torna diferente, incomensuràvelmente diferente das nossas avós que, para se afirmarem descendentes da Mãe Eva não precisavam copiar ao Pai Adão nenhum dos seus atributos.

Pior? Melhor? Diferente.

* * *

A mulher que eu ainda conheci quando menino e moço, era um misto de Bernardim Ribeiro e Soares de Passos. Hoje leu a obra do Eça e adquiriu a sua independência. Cuido que os rapazes de hoje achariam detestàvelmente pires uns vint'anos femininos que se parecessem com os vint'anos das suas avós. Mas quere-me parecer que apesar de tudo, algumas raparigas de hoje se não vam de encontrar na sua frente uns vint'anos como os vint'anos dos seus avós.

Porque tudo cansa na vida e a mulher tem um sentido especial do justo limite que as torna diferentes dos homens. Eu penso que não virá longe o tempo em que um neo-romantismo há-de entronizar de novo aquele sentimento que se chama «Amor» num trono que não seja feito de despresos masculinos e indiferenças femininas. *Tout passe, tout casse, tout lasse, et tout se romplasse*, e neste *romplasser* é que há-de estar a reviravolta que reponha a mulher no seu lugar de *Rainha* e o homem no seu eterno lugar de Conquistador esforçado... e civilizado.

* * *

Há um velho ditado português que nos diz: «quem quer bolota, trepa». Agora não é preciso *trepar*, porque a bolota, se a gente se descuida, cai-nos no toutiço e fàcilmente se apanha.

Ora não há gosto, nem prazer, nem entusiasmo, sem esforço, e esta vida de facilidades em que o Mundo se engolfou, pode ser cómoda, mas não tem elegância, nem beleza, nem coisa que valha um pataco. O Amor é uma planta de estufa. Necessita de cuidados especiais, de jardineiros artistas, de cultura permanente e cuidada. Se escangalham a estufa e a põem ao sol, o Amor definha, amarelece, estiola e morre. Com a minha visão bota de elástico século XIX, eu cuido que a mulher há-de voltar a ser rainha e o Homem seu escravo e seu Senhor, tal qual como depois do Baixo Império romano surgiu no mundo a dignificação da espécie no entendimento dos sexos.

Muito bem! Muito bem! Muito bem!

Conciso e... perfeito.

Funcionalismo

Veio a seu pedido transferido da Secção de Finanças de Pombal para a desta cidade, o aspirante sr. Alfredo de Andrade, que já se encontra a prestar serviço.

Os nossos cumprimentos.

"Casa do Gaiato,,

Foi fundada perto do Porto por um sacerdote—o padre Américo—que dentro em breve virá falar da sua obra ao salão da Acção Cultural das Fábricas Aleluia.

Há interesse em ouvi-lo.

Energia eléctrica

A prolongada estiagem fez com que desde quarta-feira, 27, passasse a haver restrições de consumo em todo o país.

No concelho de Aveiro, a suspensão dá-se das 13 às 15 horas.

O VINHO

Subiu de preço, com o novo à bica. Antigamente era o contrário—descia sempre nessas alturas.

Muito baralhado anda tudo!

Porque será?...

ANUNCIO

A's 10 horas do dia 16 de Novembro de 1948, proceder-se-á no edifício da Direcção de Finanças do distrito de Aveiro, sito à Rua Conselheiro Luís de Magalhães, nesta cidade, à venda, em hasta pública, pelo maior lanço, de um pequeno sino, fendido, com as condições constantes do anúncio afixado no átrio da referida Direcção.

Aveiro, 21 de Outubro de 1958.

O Director de Finanças,

JOSÉ ILHARCO

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Sobre adubos

Comunica-nos o Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo:

«Por despacho, de 27 de Setembro último, de Sua Excelência o Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria, foram submetidos ao regime de lucro estabelecido pela portaria n.º 12.436, publicada no *Diário do Govêrno* n.º 134, de 11 de Junho do corrente ano, os seguintes adubos: nitrato de sódio, cianamida cálcica, nitro-cal-amónio e os superfosfatos.

Nestas condições considera-se excessivo o lucro ilíquido sobre o preço de venda do importador ou do fabricante que exceda 6 por cento nas vendas de embalagem inteiras e 12 por cento nas vendas de quantidades inferiores a uma embalagem».

Atenção para a 4.ª página

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Livros

A Volúpia

Quando publicou o *Triunfo da Morte*, de Gabriel d'Anúnzio, numa cuidada versão de Graziella Saviotti, «Editorial Gleba» de Lisboa anunciava o breve aparecimento de *A Volúpia*, do mesmo autor. Como se sabe, estas obras, com *O Inocente*, formam a decantada trilogia *Romances da Rosa*.

Cumprindo o prometido, aquela casa editora enviou-nos, há dias, o segundo dos citados livros, um elegante volume de 350 páginas que vem enriquecer a «Colecção de Romances Célebres», onde figuram já verdadeiras obras primas da chamada literatura de ficção.

Trata-se de mais uma integral e consciencíosa tradução de Graziella Saviotti que, nascida e educada em Itália, conhece o nosso idioma como poucas senhoras portuguesas. Assim, não exageramos afirmando que ela conseguiu apresentar um trabalho perfeito no género, dando-nos, a par duma correcta expressão literária, a ideia nítida da forma verbal danunziana, tão peculiar e tão eriçada de dificuldades.

Sôbre o valor da obra, basta dizer que ela apareceu no período em que D'Anunzio atingiu a plenitude das suas faculdades criadoras, estabelecendo-se à volta do seu nome apaixonadas polémicas, louvado por uns, atacado por outros, mas todos reconhecendo nele o escritor que, com a sua arte requintada, vinha dar novos rumos à literatura italiana dos fins do século XIX e princípio do actual, com repercussões até neutros países da raça italiana.

Podemos não simpatizar com o seu realismo por vezes cru, ou com o seu hedonismo, à maneira de Nietzsche; mas o que não podemos é contestar as suas altíssimas qualidades de prosador, artista em cuja forma de expressão se encontram as mais brilhantes concepções estéticas, imagens cheias de colorido e os ritmos mais variados.

Os nossos agradecimentos pela oferta.

Correspondências

Costa do Valado, 28

No domingo à noite, por um motivo fútil, o sapateiro Rodrigo Lima, residente em Quintans, agrediu à facada o nosso conterrâneo Manuel Nunes Génio Júnior (Canão), alfaiate, que deu entrada no Hospital de Aveiro, onde ficou internado, por um dos ferimentos ser de certa gravidade.

Encontra-se um pouco melhor, o que estimamos.

O agressor evadiu-se.

—Faz hoje anos a esposa do nosso amigo Albino Vieira dos Santos, considerado industrial desta localidade.

As nossas felicitações.

C.

NECROLOGIA

Com 57 anos finou-se, a semana passada, o sr. António Fernandes da Silva, proprietário da *Adega 1.º de Janeiro* e natural de Frossos (Albergaria-a-Velha).

Era casado, pai do sr. António Almeida e Silva, empregado na filial da Caixa Geral de Depósitos, tendo-se realizado o enterro para o cemitério sul.

Pêsames aos doridos.

* * *

Em Valença, deixou de existir, esta semana, com 77 anos, o sr. Alfredo de Barros, antigo director de *A Plebe*, que na imprensa republicana do Minho ocupou lugar de destaque.

E porque mantivemos sempre as melhores relações de camaradagem, é com magoa que o vimos partir a caminho da Eternidade, depois de ter dado à República muito da sua inteligência.

As nossas condolências a toda a família enlutada.

* * *

Faleceram mais: em *Esgueira*, o sr. Isaias Nunes Morgado, viúvo, de 70 anos, pai do sr. Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação em Sacavem, a quem acompanhamos no seu desgosto; na *Quinta do Picado*, Carolina de Jesus Bastos, de 82, casada com Manuel António Santana, e em *Vilar*, Maria de Jesus Diniz, viuva, de 87.